



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464834, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464834

Apresentação

Fernando Leite Couto, poeta dos “olhos deslumbrados”

Ana Mafalda Leite¹

Carmen Tindó Secco²

Celso Muianga³

Sara Laisse⁴

¹Universidade de Lisboa, Portugal.

²Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

³Fundação Fernando Leite Couto. Maputo, Moçambique.

⁴Universidade Católica de Moçambique, Maputo, Moçambique.

*São estes ainda,
os olhos da infância,
deslumbrados, deslumbrando-se
aos milagres da vida*¹

Em comemoração ao centenário de nascimento do poeta Fernando Leite Couto, ocorrido em 16 de abril de 2024, este dossiê homenageia esse homem da cultura e das artes de Moçambique, cujas feições são várias: poeta, cronista, jornalista, editor, incentivador das letras moçambicanas. Tendo em vista essa multiplicidade de facetas do autor, este número 30 da Revista *Mulemba* se apresenta de forma inteiramente original, reunindo depoimentos afetivos de parentes, testemunhos de amigos, poetas, alunos, todos admiradores da riqueza imensa e da conduta impecável de seu percurso como intelectual, artista e ser humano, cuja vida foi sempre dedicada aos outros, aos oprimidos, à cultura e às artes em geral.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

¹ COUTO, Fernando. Olhos Deslumbrados. In: *Os olhos deslumbrados*. Maputo: Central Impressora e Editora de Maputo (CIEDIMA), 2001. p. 13.

Celebrando a trajetória existencial, artística e profissional desse homem, cujos legados foram inúmeros, organizamos o dossiê em quatro momentos: “Vozes da Família”, “Palavras de Poetas”, “Depoimentos” e “Dizeres da Crítica”. O primeiro momento é constituído pelos textos de dois de seus filhos, Fernando Amado Couto e Mia Couto, e pelos netos Madyo Couto e Maura Couto. No texto intitulado “O legado de meu pai”, Fernando Amado, o primogênito, ressalta a importância da educação paterna na sua formação profissional, em sua conscientização política e na atração pelas livrarias e e na atração pelas livrarias e livros, pelo valor inestimável que estes representavam. Na sequência, vem o texto “A varanda sobre o tempo”, da autoria de Mia Couto, o segundo filho, herdeiro da verve jornalística e, sobretudo, da veia poética do pai, deslumbrando-se, como este, com os milagres da poesia e com a imagem paterna reencontrada em si mesmo. Em continuidade, vozes mais jovens da família se fazem ouvir: a de Madyo Couto, em “Visitas e cartas – memórias do meu avô”, e a de Maura Couto, em “O meu avô em mim”, que, saudosos, relembram lições do avô, cuja serenidade lhes ensinou o respeito ao meio ambiente, à preservação e à contemplação da natureza.

No segundo momento do dossiê, “Palavras de Poetas”, Sónia Sultuane e Adelino Timóteo proferem mensagens de louvor e agradecimento pelo muito que aprenderam com a imensa sensibilidade de Fernando Couto. Sónia, em “Uma rosa feita amor, um espinho feito dor”, citando *Omar Khayyam*, oferece a flor amorosa, enxertada em seu coração, ao Mestre Couto, com quem dialogou muito sobre poesia. Adelino, por sua vez, em “Um epicédio ao poeta Fernando Couto”, o adota como “pai da poesia”, gabando os ensinamentos recebidos acerca do fazer poético que o fizeram compreender a importância constante de burilar a linguagem de seus versos. Profundamente reconhecido por tantos bens auferidos, exalta a trajetória literária de Fernando Couto nos jornais da Beira e a enorme sabedoria desse grande mestre da poesia, conhecedor e divulgador de poetas de várias partes do mundo: Mayakovski, Antero de Quental, Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, Aragon, Eluard, António Machado, entre outros.

Em “Depoimentos”, as feições de Fernando Couto como jornalista, editor, homem de cultura, tradutor e poeta são lembradas por amigos que lhe traçam um perfil minucioso. António Sopa, com olhar profundo de historiador, em seu texto “Fernando Couto: Esboço para um retrato”, traz muitas curiosidades e informações preciosas não apenas sobre a história e a geografia da Beira, mas também sobre o movimento intelectual beirense, do qual Fernando Leite Couto, quando chegou a Moçambique e fixou residência na referida cidade, participou ativamente como jornalista, poeta, cronista, tendo publicado muitos poemas, crônicas e textos literários no jornal local *Notícias da Beira*, alguns dos quais se encontram como anexos ao final do depoimento de A. Sopa.

O poeta, escritor e jornalista Nelson Saúte expressa também sua enorme admiração por Fernando Couto, fazendo um depoimento de suas vivências junto ao jornalista, poeta, tradutor e editor, com quem muito se enriqueceu profissional e poeticamente. O sensível e detalhado depoimento de Saúte traça um amplo painel, comentando os ensinamentos

de Fernando Couto na Escola de Jornalismo, na Editora Ndjira e em outros convívios. Chama atenção para a leveza das metáforas e imagens do lirismo de F. Couto, elogiando-lhe a sabedoria, a elegância, a humildade e as exigências da qualidade estética da própria poesia e da produzida por jovens poetas que tanto incentivou durante toda a vida.

Rui Rocha, atual diretor da Editora Alcance, em Maputo, dá seu depoimento como editor, destacando a importância das relações de Fernando Couto com o ser humano, com a cultura, com a sociedade, tendo deixado uma extensa obra escrita e uma herança editorial histórica para Moçambique.

Ao final do terceiro bloco, Simão Anguilaze, antigo aluno de Fernando Couto na Escola de Jornalismo, tece memórias, recordando fatos do passado que foram fundamentais para sua profissão de jornalista no presente. Lembra que foi escolhido por F. Couto para chefiar a biblioteca da escola e isso o transformou, profundamente, pois aquele espaço passou a ser o seu local privilegiado de estudo e lazer.

O quarto momento do dossiê é a vez dos “Dizeres da Crítica”, sendo estes constituídos por dois artigos: o de José dos Remédios, crítico de arte e de literatura moçambicano, e o de autoria de Edimilson Moreira Rodrigues, professor de Estudos Africanos da Universidade Federal do Maranhão. José dos Remédios, em seu artigo “O campo visual de Fernando Couto”, tendo por base de análise *Os olhos deslumbrados* (2001) e *Monódia* (1987), demonstra ser a obra de F. Couto um exercício sobre as representações imagéticas dos espaços e sobre o campo visual dos sujeitos poéticos, o que confere à poesia do autor uma riqueza ambiental afetiva.

O artigo de Edimilson Moreira Rodrigues interpreta o poema “Olhos Deslumbrados”, de Fernando Couto, como um pequeno “retábulo de palavras”, um tríptico artístico dividido em três momentos, todos vinculados à metáfora do olhar da criança, símbolo de pureza da infância ainda não contaminada por sentimentos negativos. Edimilson, em sua leitura, realça a força emanada da poesia de Fernando Couto, enfatizando o poder de seus versos, capazes de apreender diversas sensibilidades existentes no mundo.

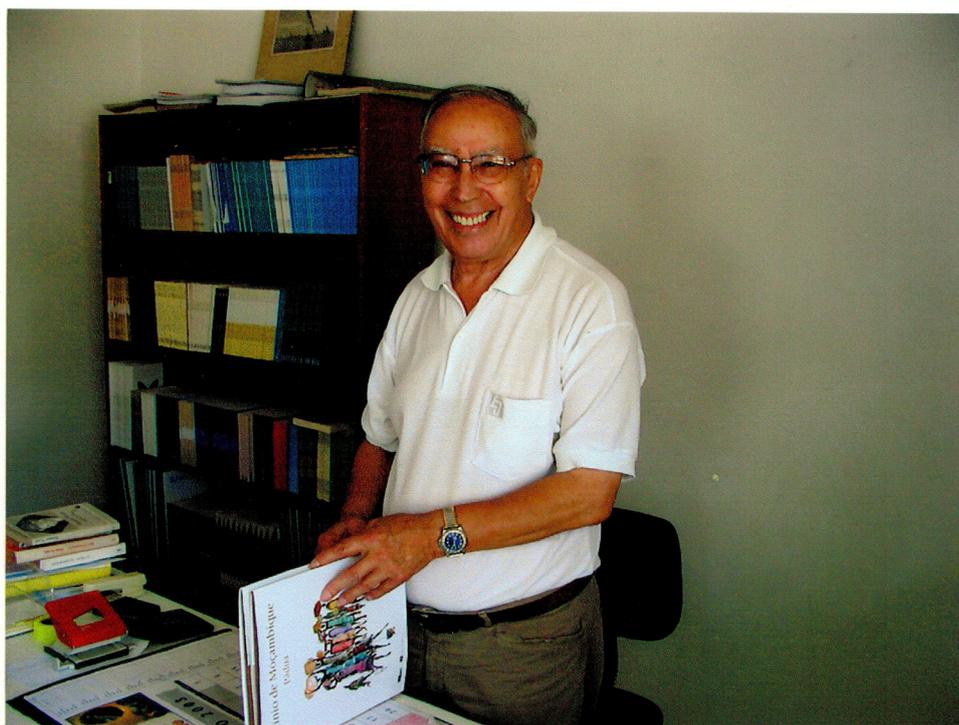
Para encerrar, trazemos nós, os organizadores do dossiê, algumas palavras que, no fundo, reafirmam tudo que já foi dito. Fernando Couto tinha a delicadeza dos grandes Poetas, a humildade dos que sabem muito, o inconformismo diante das desigualdades sociais, a generosidade de dar aos outros a paixão de quem ama a vida e se deslumbra com a beleza das artes, da natureza e, principalmente, da poesia, definida, assim, por ele, no poema “Quero-te, Poesia!”:

*O rumor audível
de um fio de água
deslizando breve.
A leve carícia
afloando o rosto
com pudor de ternura.*

*A melancolia do adeus
inevitável e definitivo.
O bramido da cólera
dos ofendidos e humilhados
com o vigor do vento
nos altos montes
ou tão só o choro silencioso².*

Os organizadores

Lisboa, Rio de Janeiro, Maputo, 16 de abril de 2024.



² COUTO, F. *Op. Cit.*, p.14.